

CONCEIÇÃO

ou

Autor bom é autor morto

Roteiro de

Guilherme Sarmiento
e
Daniel Pecego Caetano

com a ajuda de
Carlos Sanches
Cynthia Syms
André Sampaio
Rafael Rodrigues
Leonardo Abreu
Alexandre Dias
Aíra Ariak
Renata Reis

CONCEIÇÃO

(Centenas de coisas podem ser ditas sobre um filme. O que quer dizer "Conceição"? Nenhuma palavra pode explicar uma vida. Nem mil imagens. E, no entanto, incontáveis coisas podem ser ditas. O que nos obriga a voltar de forma diferente à questão : o que é "Conceição" ?

"Conceição" é uma pergunta, essa é a verdade. A convivência entre si de um grupo de pessoas gera enriquecimento através de muitos debates. Entretanto, há nestes dúvidas que não se respondem. Estamos cansados dessas questões, e a consequência é "Conceição".

A idéia é botar tudo que for possível. Ação, comédia e romance. A estória tem muitos diálogos, imagens fortes e personagens inusitados. E tem também os autores desses personagens. Tem perseguições, tiros, violência, sangue. Tem explosão. Bares, papos, vida real, vida onírica, mundos distantes, deve ter até ficção científica. Tem música. Samba, bolero, etc... Tem cerveja e ovo frito. Tem também mulher pelada, é claro. Florestas, umas paisagens. Tem até uma hora para quem não quer ver nada. Tem até um crítico.

Só não tem o público. O público está do lado de fora. Como poderia ser de outra forma? O público assiste, se possível.

Será que o público sabe o que quer?

Talvez "Conceição" seja aquela mulher que estava nua no bar. Ninguém sabe o nome dela.)

Roteiro

Bloco 1

SEQUÊNCIA 01 - FLORESTA & LETREIROS - EXT. DIA

Uma mulher pende enforcada numa árvore em meio à floresta. Do meio da mata surge um homem em desabalada carreira. Foge pulando riachos, atravessa a mata densa, passa pelo Pico da Tijuca, sempre a fugir. Vemos então seu perseguidor esgueirar-se pela mata com um facão. Paralelamente, passam os letrados do filme.

SEQUÊNCIA 02 - ESTÚDIO - INT. DIA

Há nove pessoas num bar claramente feito em estúdio. São seis homens e três mulheres, Fulano paquera Beltrana.

Marcinho

Aí o personagem que eu tinha inventado é esse, sacou... ele tá sempre fugindo... é a caça... e o caçador raramente aparece... aí, o filme é todo do ponto de vista do perseguido,... que morre no final...

Fulano

Podia fazer um documentário sobre a violência da polícia no Rio... imagina só... mostra os caras invadindo umas favelas... aí também bota aquela cena da rede globo, em que um policial executou um cara na porta do rio-sul...

André

Isso dá público...

Fulano

Podes crer... é mole de despertar a maior polêmica... pode mostrar aquele tiroteio no baixo gávea... mostrar a zona sul, mesmo...

Guilherme

(irônico) Rio, zona sul... sei lá, acho que enquanto a gente não sair desse mundinho não vai acontecer porra nenhuma...

Samanta

(sem agressividade) Quê que cê quer dizer? ... Que tem que mostrar uma favela qualquer, cheia de crioulo morto?...

Guilherme

Tem que morrer junto com o filme, bicho, tem que falar a língua do morro...

Renata

Quê isso... acho que fazer um filme violento num tá com nada... por quê que tem que ser a língua do morro ? Que estereótipo mais demodé essa relação favela/violência...

Fulano

Meu clima é mais língua do mato...

Renata

Matar, morrer... é muita violência, gente...

Beltrana

(olhando pra Fulano) É, tinha que filmar as cachoeiras do Sana...

Fernando

Podiscrê... tinha mesmo que fazer uma parada assim, sexo e violência na floresta, como se isso fosse parte da natureza... Primeiro rola uma cena de amor na cachoeira, e depois uma perseguição pela mata... *(começa a rir)*

Fulano

Isso... prá filmar essa perseguição, podia fazer uma parada que eu pensei, que é de botar a câmera, tipo amarrada, numa mountain bike e descer umas ladeiras, varadão...

Marcinho

A língua do morro - a primeira pessoa do singular do verbo morrer...

André

Tinha era que fazer uma pornochanchada... né não?... porra, dava dinheiro pra cacete...

Abreu

É, mas agora o lance é fazer thriller erótico...

André

... acaba dando no mesmo... o lance é botar sacanagem...

Guilherme

Mas , pô, de repente tem antes que descobrir qual é a parada que a gente quer filmar... sem já estar se preocupando em botar sacanagem... quer dizer, claro que tem que ter sacanagem...

Abreu

Ah, tranquilo... primeiro a gente escolhe uma história legal... é mole, tem um monte... pode olhar no jornal...

Renata

Que nada, eu já ouvi um lance que só existiam dezoito estórias, que se repetiam de várias maneiras...

Samanta

Eu pensei uma vez num troço pro festival do minuto que era assim - mostrava um cara e uma menina que se paqueravam num bar, e no canto da tela um cronômetro marcando o tempo do filme. Eles dançavam juntos, se beijavam e iam pra casa. Quer dizer, mostrava uma cena de sedução bem clichê em menos de um minuto. Quando falta uns dez, quinze segundos pra acabar o filme, eles tão transando e ele diz pra ela: “rápido que tá acabando”. Aí ela gozava e acabava o filme...

André

Peraí, que eu vou lá embaixo pegar umas
cervejas...

Abreu

Eu já quis filmar uma história numa escola,
sacou... uma parada com crianças...

SEQUÊNCIA 03 - BAR - INT. DIA

Em uma frigideira escaldante e suja, um ovo é colocado para fritar. O português que o frita olha para uma tevê onde está sendo apresentado um telejornal de clima absurdo. Ao fundo chega André, que pede quatro cervejas “pro pessoal lá de cima”

SEQUÊNCIA 04 - ESTÚDIO DE TELEJORNAL - INT. DIA

Temos aqui a oportunidade de ver uma parte do estranho programa. Quem fala é a apresentadora, uma mulher com rosto de modelo, vestida sobriamente.

Apresentadora

Ainda hoje : Família estuprada e morta no
cinema.

Há dois âncoras, um homem e uma mulher, numa mesa em semicírculo. Eles nos transmitem as notícias com gravidade e indiferença.

Apresentador

Bandeirinha de futebol pede asilo político.

Apresentadora

Palhaço mutila crianças e diverte pais em festa de aniversário.

Apresentador

O império paulista se expande: Consumada a invasão, anexou-se, na madrugada de ontem, os estados de Santa Catarina e do Espírito Santo.

Apresentadora

Ministro da Justiça afirma que crime foi inevitável.

Apresentador

(suas roupas estão momentaneamente trocadas) Greve de continuistas atrapalha indústria cinematográfica

Apresentadora

Em instantes: nosso repórter entrevista o arredo escritor Dalton Trevisan.

Apresentador

Pesquisa indica que sessenta por cento das mulheres consideram o apresentador deste jornal o mais charmoso e sedutor da televisão nacional.
(ela olha pra ele, incrédula)

Depoimento de um fotógrafo de praça. Ele nos conta como seria o filme que ele faria, enquanto ajusta sua máquina e ajeita a pessoa de maneira a centralizá-la na foto. A pessoa que ele fotografa é um homem baixinho que come um cachorro-quente.

SEQUÊNCIA 06 - ESTRADA - EXT. DIA

Estrada urbana, arborizada e deserta. Um cachorro vira-lata passa batido. Ouve-se a alguma distância um funk que aos poucos vai saindo em fade, introduzindo o seguinte diálogo em off :

Homem 1

(off)

... E aí não teve conversa - fudi com ela!

Homem 2

(off)

Trepou com ela? No duro?

(Os dois surgem em quadro.)

Homem 1

Não, cara! Eu estrepei com a vida dela. Estrepei, fudi com ela, magrinho! *(socando a mão direita na esquerda)* Tá sabendo?

Vemos um homem irritado olhando para a câmera. Em contraplano, o outro homem aparece. É um gordinho que devora um cachorro-quente suspeito. Usa uma camisa listrada de time amarelo e preto, a barriga escorregando por baixo.

Homem 2

Ãããhn...?

Homem 1

Você tá ligado na minha história?

Homem 2

Pô, mermão... num tô não.

Homem 1

Ih, o cara, aí... Que mané, me largar falando sozinho...

(Homem 2 deixa escorregar a salsicha, nervoso.)

Homem 2

Qualé, Marcão? Meu filho acabou de nascer...

Marcão

Porra, vai pra casa então, frufu do neném! E o bonde da farinha?

Homem 2

Ué, tamo indo formá, né não? Neném tá mamando nos peitinho da minha mulher, eu também vou me animar! *(ri, meio sacana)*

(Marcão faz um “ssh” pedindo silêncio.)

Marcão

Cê tá ouvindo?

(Homem 2 olha em volta, atento.)

Homem 2

O quê?

Marcão

Tá subindo um carrão aí... Pelo som do motor, vê que é coisa fina. *(esfregando as mãos)* Ih, demorô! Vamo arrastar, sair numa boa daqui! Ainda paro num posto e compro uma camisa do Flamengo pro garoto. Ah, moleque!...

(Marcão, animadíssimo, dá um tapinha nas costas do amigo indeciso.)

Homem 2

Sei não, Marcão... Só quero acabar a noite no branco...

Marcão

(comandando) - Então, magrinho! Vamo buscar na fita do mané endinheirado que tá vindo aí! *(mostrando a pistola 38)* pode deixar, Joel, deita logo nessa merda... pode deixar que eu vou parar esse carrão rapidinho!

(Começamos a ouvir o ronco do motor. Joel olha em volta, deita no meio da estrada, ainda

meio hesitante. O outro assente. Joel levanta a cabeça.)

Joel

Por que sou eu que tenho que ficar aqui deitado?

Marcão

Cala a boca, porra! A gente já não falou disso? Quando o carro parar eu vou gritar (*apontando a arma para Joel*) - “Sai do carro senão eu mando bala!”

Joel

E se o carro não parar? Que eu saiba não tem nenhuma placa dizendo que eu tô aqui...

Marcão

(debochado) - Cumpádi, olha o tamanho da tua barriga! E essa camisa! Parece até um quebra-mola...

(Marcão ri. O ruído do carro se aproxima. Ele faz sinal de silêncio pro outro. O som do motor aumenta. Joel está estendido no chão, numa espera angustiante. De repente, Joel aponta pra cima, aliviado.)

Joel

É, Marcão, esse é carrão de ricaço merdo. Pena que passou muito alto.

(Marcão olha pra cima. O som do motor vem de um avião. Joel senta-se no asfalto, numa atitude descontraída.)

Joel

Esse passou por cima do nosso cadáver!

(Marcão aponta a arma pro avião, aborrecido.)

Marcão

Eu tô bem vivo, magrinho... Tô aqui bem ligado!

Bloco 2

SEQUÊNCIA 07 - CEMITÉRIO DO MARUÍ - EXT. DIA

Voltamos nossa atenção para o Fugitivo. Ele não pode parar de correr, e agora passa pelas vielas de um cemitério. Ao fundo, debaixo de um sol cruel, algumas figuras carregam um enterro. Enquanto isso, o Caçador reza diante de uma lápide, observado por uma mulher nua.

SEQUÊNCIA 08 - ESTÚDIO - INT. DIA

Beltrana

Podia fazer um road-movie brasileiro... de um cara que vai pro nordeste pegando várias caronas, e vai conhecendo mil coisas pelo caminho, namorando, se envolvendo nuns acidentes... né não?...

Abreu

Eu já pensei em filmar uma história que acabava com um cara sendo morto na Feira de São Cristóvão, num sábado... tu já foi lá?... rola um equipamento de som de cinco em cinco metros, cada um mais alto que o outro, tocando músicas diferentes. Então você anda e a música muda a cada dois, três metros... imagina agora um cara agonizando, se arrastando todo ensanguentado, e a música mudando a cada passo que ele dá...

Samanta

É, o filme tem que ter uma música maneira...

Abreu

(levanta-se) Peraí... deixa eu mostrar um som que eu tinha pensado em por no filme (pega um aparelho de som e põe uma música. Enquanto ele faz caretas de empolgação, os outros ficam indiferentes, quase constrangidos)

Renata

Bacana...

Guilherme

É, de repente num filme pode ficar legal...

Samanta

Pode ser...

André

Pô, deixa eu mostrar outra parada aí...

Abreu

Peraí... ó só...

André

... Pô, agora beleza, deixa eu mostrar um outro lance aí, rapidinho...

Abreu

Quê isso, peraí...

Fernando

É, muda aí esse som...

(os outros concordam)

André

Pô, jogo rápido...deixa eu botar uma música que eu pensei pra tema daquele roud-múvei da viagem pro nordeste... é um bolero... pras cenas de sexo, de repente ... da Angela Maria,... manja Angela Maria?... ela que lançou “ Fechou o paletó”... *(enquanto isso vai tocando o bolero)*... ó só... isso vai ficar demais com uma sacanagem rolando... se for pornochanchada vai se chamar “Só por amor”... podia ser a estória duma vampira... uma mulher que transa com os homens, aí depois mata eles e rouba tudo... quê que cês acham?... uma personagem meio inesperada,... meio misteriosa...

SEQUÊNCIA 09 - BAR - INT. DIA

Ironizando a pontuação de tempo, uma nova etapa da fritura do ovo. O infeliz português ainda assiste o telejornal.

SEQUÊNCIA 10 - ESTÚDIO DE TELEJORNAL - INT. DIA

Outra vez surge o noticiário piadístico.

Apresentadora

Veremos agora nossa repórter entrevistando o escritor Dalton Trevisan.

SEQUÊNCIA 10A - BANCO DE PRAÇA - EXT. DIA

O entrevistado, um senhor de setenta anos, um pouco magro, meio careca, de óculos, tosse um pouco. A repórter já passou dos trinta, e consegue manter-se bastante bonita na sua falsa elegância.

Repórter

Está enxuto, hein? Corpinho de dancing dos velhos tempos.

Trevisan

Quer conhecer um tipo azarado? Sou eu. Em janeiro bati o carro, não tinha seguro. Quando consertou, roubaram o rádio. Emprestei o último dinheiro a um amigo, ele não me paga. Fui a um baile, não dancei e acabei apanhando. Comprei um carro velho, atrasei as prestações e o dono tomou de volta. Domingo no parque, dois pivetões me assaltam. Fico sem tênis, relógio, o boné do time, eterno perdedor. É pouco? Estou com os dentes ruins, a vista fraca, acho que é diabete. Estou mais velho que minha jaqueta, acho que vão me dar pros pobres.

Repórter

Se você não fosse escritor, fosse homem de cinema, como seria o filme que você faria?

Trevisan

Chacina do casal e da filha. Só a imagem, nenhum som. Os velhos mutilados ali no chão. A moça de cabeça caída na mesa. Terror e angústia, sem fechar os olhos. Eis que a cena se desenrola de trás pra frente. E você, sem ser a moça, sente todo o horror antes da violação. Em desespero, os velhos pais escondem ela no sótão. Ao longe, uma igreja solitária, porta aberta, luz piscante de velas.

Repórter

Você é um contista em busca da palavra certa? É um membro da Academia Paranaense de Letras seguindo o caminho da pulga no pêlo preto do cachorro? Você escolhe as palavras sentindo a espinha quando morde um peixe doce?

Trevisan

E se o peixe gritasse, quem iria pescar? Eu não planejo as cenas. Tudo vai acontecendo. Tiro a roupa de cada um. Está molhada, entende? Arrasto um por um para baixo do chuveiro. Limpo o sangue do João. Lavo os corpos. Daí enrolo em quatro lençóis. As crianças eu boto debaixo da cama. O João e a mulher dentro do guarda-roupa. E fecho com a chave. O conto não tem mais fim que outro começo, imitando o estilo do bilhete do suicida, com a mão torta, o olho vesgo, o coração danado. Eu escrevo primeiro e depois me arrependo. E eu sempre me arrependo.

Repórter

Você não acredita no amor?

Trevisan

Dane-se o amor. Todo amor. Esse maldito amor. Ingênuo menino que faz carinho numa cadela raivosa. E é mordido! E condenado a viver babando, rangendo os dentes, ganindo para uma lua de sangue. Noivei com a Maria, que ontem me contou que virou a outra de um fulano casado. E ela me disse: nunca me senti tão só quanto na tua companhia. Cada dia, amor, é mais difícil gostar de você. Ai, Maria... Quer ser apertada, menina? Passa pedra-ume. Mais que a deixasse nua, sempre restava uma nesga pro dia seguinte. Matei sim. Não pude mais. Foi só paixão. Agora sou o Raskolnikov que te saúda, com a mão na machadinha sob o paletó. *(ele começa a se insinuar agressivamente)* De quem a culpa? Me deito e apago, nem sonhar eu sonho. Como dormir, se para os mil olhos da insônia eu só tenho duas pálpebras?

SEQUÊNCIA 11 - BARBEARIA - INT. DIA

Documentário com o barbeiro. Ele nos conta como seria o seu filme enquanto corta o cabelo de um menino. No fim, o pai sai de mãos dadas com o menino.

SEQUÊNCIA 12 - TERRENO BALDIO - INT. DIA

Há uma baita explosão.

SEQUÊNCIA 13 - SALA DE AULA - INT. DIA

Em uma sala de aula empestada por ratos e baratas, tia Sueli, professora limpa e asseada, joga a seguinte para a turma:

Sueli

Quem sabe dizer para a tia por que amanhã não vai ter aula?

(Todas as crianças respondem juntas)

Crianças

Dia do Trabalho!

Sueli

(didática) Muito bem! Amanhã é o dia do trabalho. Toda pessoa quando cresce precisa trabalhar para o seu sustento e o da família. Eu tenho dois filhos para criar. Meu marido trabalha na Cerj. Eu sou professora. Esta é minha carteira de trabalho.

(Uma criança levanta o dedo.)

Criança 1

Meu pai é vereador mas não é ladrão.

Sueli

Eu sei disso, meu querido. Eu votei no seu pai e, como toda mulher trabalhadora e cidadã, pesquisei muito a vida do candidato antes de votar. *(Sueli vai até a criança 1. De sua lancheira, retira um microfone)* Instalei um microfone escondido e pelo que pude escutar em sua casa, seu pai é um homem decente. Nunca o ouvi falar um palavrão, nunca o ouvi levantar a voz. Eu adorava quando ele contava aquelas lendas tupinambás... Que homem culto! A titia aqui sabe o que faz, meu filho.

Criança 1

Quando eu crescer eu vou votar no meu pai.

Criança 2

Meu pai é lixeiro mas sempre lava as mãos antes de comer.

Sueli

Uma coisa não tem nada a ver com a outra, meu anjo. Quem limpa a cidade merece toda a nossa consideração. E se ele limpa as mãos antes de comer, prova que é um homem digno.

Criança 3

Meu pai é polícia mas nunca chacinou ninguém.

Sueli

Muito bem, muito bem. Ele... já ganhou alguma medalha?

Criança 3

Ele tem um dente de ouro. (*arreganhando os dentes*) Bem aqui, ó.

Criança 4

Meu pai é dentista, mas só faz obturação. Meu tio é quem faz prótese.

Criança 5

Meu pai tem prótese.

Criança 4

Em que dente?

Criança 5

Na perna direita. Ele é Aleijado. (*estufando o peito*) Mas trabalha com venda de azeitonas e tremoços.

Sueli

Que lindo! Estão vendo? Todas as profissões são importantes. Azeitonas para enfeitar e dar um tempero especial na carne moída! Hummm... E você, Cláudio? Diz pra tia o que seu pai faz.

(Cláudio até então ficara calado no fundo da sala. Ele teve o cabelo cortado na sequência anterior. Cláudio encolhe-se na cadeira.)

Sueli

Fala, Cláudio, anda. Ninguém aqui vai fazer pouco caso, não. Todas as profissões são dignas.

(Alguns coleguinhas de Cláudio olham para ele com benevolência, estimulando a revelação. Cláudio sente-se pouco confortável.)

Cláudio

Meu pai é camelô.

Sueli

Que legal, Claudinho. Ele vende o quê?

*(Cláudio procura resistir mais uma vez.
Finalmente entramos em seu pensamento.)*

SEQUÊNCIA 13A - CALÇADA DE RUA - EXT. DIA

Um homem de meia idade vende mercadorias, aos gritos, na calçada. “Leve três, pague dois! Leve três, pague dois!” Em cima de um tecido, vários cocôs empalhados estão dispostos. Ele pega três daqueles cocôs e coloca num saquinho, entregando-o a um cliente.

SEQUÊNCIA 13B - SALA DE AULA - INT. DIA

Sueli

Fala, Claudinho!

(Cláudio não aguenta a pressão e grita.)

Cláudio

Ele vende merda! Vende merda!

Bloco 3

SEQUÊNCIA 14 - PRAIA DE CAMBOINHAS - EXT. DIA

O sol parece o Diabo. Mas ainda assim o Fugitivo escapa, sem coragem de parar, nem mesmo por um sorvete. Ao fundo, a vista do Rio de Janeiro, com seu Cristo cercado por antenas pontudas. Um senhor idoso observa a corrida do pobre infeliz enquanto cuida de seu neto travesso. Há um sujeito deitado numa esteira, com máscara de gorila, tomando cerveja e sol.

SEQUÊNCIA 15 - ESTÚDIO - INT. DIA

André

Podia fazer uma ficção sobre piratas espaciais...
chefiados por uma princesa lésbica...

Guilherme

Pô, sei lá...sabe quê que é... é que de repente eu acho que a galera tinha que fechar mais o filme...tipo, tem que pensar mais nas imagens que a gente quer ... porque pô, cinema é imagem (*os outros se manifestam*)... não, mas é, é imagem mesmo... (*os outros se manifestam com mais veemência*)

Renata

Teve um diretor inglês que fez um filme com a tela azul o tempo todo. O lance era ouvir o que era dito em off. Ficavam seis pessoas contando histórias, discutindo filosofia...

Samanta

Ó só... vê só... deixa eu tentar te dar um exemplo de cinema que não é só imagem (*levanta-se*)
Peraí... peraí, gente, que eu vou apagar a luz um minutinho...

Os outros se manifestam, querem que ele acenda a luz. Fulano, que estava flertando com Beltrana desde o início, já tinha pegado na mão dela, e deu o bote quando viu as luzes se apagarem. Quando as luzes voltarem, os dois estarão juntos, aos beijos.

Abreu

Quê isso...

Fernando

Escuta, acende a luz aí...

Samanta

Peraí, peraí... vamos imaginar que num filme qualquer estamos os oito sentados num bar, e falta luz... aí a gente vai ficar conversando uns instantes no escuro, e é isso que vai tá sendo importante na hora...

Marcinho

E não acontece mais nada...

Renata

E não é cinema.

Samanta

Aí antes mostra um gorila fugindo do zoológico e rondando a casa...

Guilherme

Eu já vi isso num desenho do Pica-pau.

Fernando

Podiscrê, Podiscrê...*(dá uma risada)*

Samanta

Pois é... então mostrava o gorila entrando aqui... aí ninguém entendia nada, porque as luzes iam tá apagadas...

Guilherme

E aí?... cê ia encarar o gorila?...

Samanta

Sei lá...

Renata

E quê que acontece então?...

Fernando

(interrompendo) Pô, acende a luz aí...

Abreu

Peraí... vamo fazer um ritual...

Fernando

Beleza, beleza...

SEQUÊNCIA 16 - BAR - INT. DIA

O ovo ainda está sendo frito, e vemos mais um pouco de telejornal.

SEQUÊNCIA 17 - ESTÚDIO DE TELEJORNAL - INT. DIA

Mais uma chance de saber o que se passa.

Apresentadora 2

Inventado o futebol virtual.

SEQUÊNCIA 17A - CAMPO DE FUTEBOL - EXT. DIA

Vê-se um homem de meia idade, um pouco gordo, com um capacete, correndo num campo de futebol. O capacete o faz ver todo o jogo se desenrolando à sua volta, mas nós só vemos ele, conduzindo uma bola imaginária, driblando os adversários virtuais, sofrendo falta e sendo expulso por reclamação.

Apresentadora 2

(em off) Cientistas ingleses apresentaram ontem ao mundo sua nova criação. Segundo os voluntários, o jogo imaginário é idêntico ao real. No entanto, nem todo mundo gostou. Um dos voluntários se irritou ao ser substituído, e outro foi expulso por reclamar com o juiz. Ao sair de

campo, ele disse que o jogo estimulava a violência e punia a técnica refinada.

SEQUÊNCIA 17b - ESTÚDIO DE TELEJORNAL - INT. DIA

Locutor

Prossegue o seqüestro do cineasta Caio Barroso. Os seqüestradores entraram em contato com a família, onde apontaram suas principais exigências, entre as quais a leitura em rede nacional do seu manifesto, uma apologia à ação criminosa cometida. Em nome do respeito à vida e à obra de um homem que tanto contribuiu ao país, inclusive com sua indicação ao prêmio máximo mundial da indústria cinematográfica, a emissora concordou em se submeter às degradantes exigências dos criminosos, para evitar um mal maior. Senhoras e senhores, peço a sua atenção para o fato de que o texto que lerei não é de responsabilidade da emissora, nem tampouco conta com a sua concordância... *(ele começa a ler uma folha de papel em suas mãos)*

À sociedade brasileira: Estamos inaugurando o programa de “Resgate do Cinema Brasileiro”. Trata-se de uma ação guerrilheira em busca do nosso espaço de expressão. Iremos sequestrar importantes nomes do audiovisual rico e burguês, e com o dinheiro que nos render esta operação de risco investiremos em projetos de real interesse do povo, investiremos em nossas idéias, buscas e dúvidas, em nome da revolução. Nunca aceitaremos a morosidade das idéias burguesas, e não nos interessa uma sociedade que se crê perfeita, senão para subvertê-la. Nossa revolução não busca um fim em si, o fundamento é o respeito à transformação constante. A moral burguesa se dobrará ante a evidência de que o medo e a inércia serão seus carrascos finais. Nós queremos uma nova sociedade, nós queremos a aclimatação, a transformação constante. Senhoras e senhores, saiam dos seus lares! Nós queremos a vida, a pulsação. Abaixo os falsos e enganosos prêmios.

Não queremos estátuas marmóreas, nós queremos a malemolência, nós queremos gritos vivos, nós temos que saber nos guiar pelo fluxo do Rio em que vivemos.

Nós estamos iniciando o projeto de Resgate do cinema brasileiro, onde queremos recuperar a liberdade de expressão solidário-coletiva, uma experiência em busca de saídas para os labirintos fechados que querem nos cercar. Nosso veículo de comunicação é o audiovisual, e para tal precisamos de recursos, mínimos. Tê-los é o motivo imediato da ação radical. Mas nós somos apenas um grão, apenas o princípio de neve que começa a descer o morro.

Companheiros, nosso programa começou com o rapto de um famoso e medíocre diretor de cinema. A partir do que arrecadarmos com a operação, vamos iniciar as filmagens de nossos projetos...

SEQUÊNCIA 18 – CENTRO DA CIDADE - INT. DIA

Um afiador de facas nos conta como seria seu filme enquanto atende uma enfermeira.

SEQUÊNCIA 19 - QUARTO DE "MATADOURO" - INT. DIA

A enfermeira, uma louca de provocar maremotos, está transando furiosamente com um sujeito. De repente, ela pega uma faca e capa o cara. A louca pega o membro ensanguentado pelas bordas do preservativo e caminha para fora do quarto.

SEQUÊNCIA 20 - COZINHA - INT. DIA

A louca se dirige a um moedor de carne manual e posiciona o membro na moenda. O infeliz ainda tenta impedir.

Infeliz

(em inglês, ele é gringo) No! Don't do it! Not the head! Damn, give it to me! Fuckin' bitch!

A loura, impiedosa, joga o membro do cara no moedor e trata de rodar ensandecidamente a manivela do aparelho. O Infeliz, desesperado, coloca as mãos em concha e tenta pegar os restos de sua carne moída.

SEQUÊNCIA 21 - HOSPITAL - INT. DIA

O sujeito vai falar ao médico de plantão, ainda com as mãos em concha cheias da sua carne.

Infeliz

Please, Doc, say we can reimplant...

O médico olha impassível.

Infeliz

Please, Doc, what shall I do? What can you do for me?

Médico

Kibe.

Bloco 4

SEQUÊNCIA 22 - METRÓPOLE - EXT. DIA

O Fugitivo sempre a correr, agora ele está na cidade. Ele corre por ruas desertas e outras cheias de gente (numa delas há uma mulher nua que passeia sem ser incomodada), apressado atravessa os sinais por entre os carros, passando por temíveis avenidas e enfiando-se por uma multidão, são os fiéis que se aglomeram para assistir à missa papal.

SEQUÊNCIA 23 - ESTÚDIO - INT. DIA

Volta tela preta. O grupo ainda está sob blecaute.

Fernando

Escuta, cara, acende logo essa luz...

Abreu

Calma aí... agora que a parada tá pronta...

Guilherme

É, agora é religioso...

Fernando

Então vai logo, vai logo...

Abreu

Beleza... dá aí o isqueiro...

(Acende-se um baseado.)

Guilherme

Agora é minha vez de escolher o som...*(entra uma música)*

Samanta

Imagina só... tá rolando essa situação, aí chega o gorila... tem que ser comédia...

Fernando

Aí, esquece esse gorila... *(começa a rir)*

Samanta

Quê isso... gorila é um bicho que já fez o cinema faturar horrores... esse gorila vai carregar o filme nas costas!...

André

É muita responsabilidade prum gorila...

Samanta

E quem disse que vai ser um gorila de verdade?
Vai ser uma mulher vestida de gorila...

Fernando

Uma mulher gorila ?

Samanta

Não!...

Marcinho

Pô, gente, peraí... ó só, ninguém aqui quer encarar um gorila, quer?... pô, então mata esse bicho, gente...

Samanta

Beleza, o gorila morreu fugindo do zoológico... a roteirista até quis que ele aparecesse, mas a produção vetou...

SEQUÊNCIA 24 - BAR - INT. DIA

O ovo ainda frita, está ficando com uma cara bacana.

SEQUÊNCIA 25 - ESTÚDIO DE TELEJORNAL - INT. DIA

Não é sensacionalismo, apenas a realidade do nosso tempo.

Apresentadora

Descoberta a farsa. Impostor engana imprensa e se apresenta como escritor consagrado. (*Vê-se em câmera lenta imagens do impostor durante a entrevista*) Depois de dar uma entrevista fingindo ser Dalton Trevisan, o criminoso agrediu a nossa equipe de reportagem, fugindo logo em seguida. O celerado continua foragido, mas já foi localizado pela polícia. Vamos agora às ruas, onde nossa equipe está acompanhando toda a operação.

SEQUÊNCIA 25A - INTERIOR DE AUTÔMÓVEL, AVENIDA - EXT.DIA

Dentro do carro de polícia, a câmera nos aponta outro carro, ambos numa avenida de alta velocidade.

Repórter

A perseguição parece prestes a acabar. Dentro deste carro azul que vocês estão vendo está o impostor, que fugiu ao cerco armado na saída da rodoviária. Mas agora não há para onde ir. *(o tal carro é interceptado. Ao parar, vemos nele um senhor em tudo diferente do outro, mas que na verdade é o próprio, disfarçado)* Vejamos então, vamos tentar saber quem ele é de fato... não... *(desapontada)* não é ele... ele escapou, este é o carro errado... breve voltaremos com novas informações...

SEQUÊNCIA 26 - LOJA DE VENDA DE SANTOS - INT. DIA

Documentário com uma funcionária de uma loja especializada em imagens de santos. Ela responde sobre o que gostaria de assistir no cinema enquanto vende uma imagem de Nossa Senhora para Sueli, a professora da sequência 13.

SEQUÊNCIA 27 - APARTAMENTO - INT. DIA

Uma vela é acesa para Nossa Senhora. Sueli reza forte, com as mãos bem juntas. Ao fundo, Uma menina sombria folheia uma enciclopédia especializada em armas de fogo. Quando, terminada a oração, Sueli pretende fazer o sinal da cruz, ouve-se som de tiros, o que a sobressalta. Ela vira-se para a filha, cheia de receios. A menina continua folheando o livro.

Julinha

É tiro de escopeta.

Sueli

É fogo de artifício, Julinha.

Julinha

Fogo de artifício faz "Pá". Tiro de escopeta faz
(fazendo um gesto amplo com os braços) "Pá"!

Sueli

É tempo de festa, filha. Amanhã mamãe vai te
levar pra dançar quadrilha lá na casa da tia
Angélica...

*(Julinha parece não gostar da idéia. Sueli
acende uma vela na outra.)*

Sueli

Vamos comer aquele salsichão, tomar aquele
refrigerante...

*Novamente escutamos uma sequência de tiros. O último é um estampido seco e mais
distante. Sueli quase tem um troço. Olha novamente para a filha, que aponta para a
enciclopédia.*

Julinha

Treis oitão. Esse é treis oitão!

*(Sueli finalmente percebe o que a filha está
lendo.)*

Sueli

Eu já não disse prá você não mexer nas coisas de seu pai? Me dá isso aqui!

(Sueli pega o livro, coloca-o numa estante, trancando-a em seguida.)

Sueli

Mamãe vai ter que sair rapidinho e já volta, viu?

(Pega da mesma estante um livro de conto de fadas.)

Sueli

Toma prá você se distrair enquanto isso, tá bom?

(A menina olha desinteressada para o livro. Alguns tiros pipocam ao fundo. Sueli pega uma bolsa em cima do sofá e sai de casa apreensiva.)

Sueli

Mamãe já volta, viu?

Tranca a porta com duas voltas na chave. Depois que sua mãe sai, Julinha arrasta uma cadeirinha até a porta. Levanta-se até a altura do observador. Sueli atravessa a rua a largas passadas. Quando dobra a esquina, a menina salta da cadeira correndo e vai até a estante. Em cima dela, ao lado de uma foto de um homem fardado, tem um jarro. Julinha pega o jarro de maneira perigosa, colocando-o em cima do sofá. Enfia o seu braço direito dentro dele. Tira dali uma arma lustrosa. Com a dita nas mãos, Julinha começa a apontar para tudo que vê. Termina apontando para a Santa cercada de velas. Nesse momento, a campainha toca. Julinha toma um susto, deixando a arma cair no chão. Um tiro escapole. Ela fica com os ouvidos comprimidos nas mãos e com os olhos fechados. Parece sorrir. A campainha toca novamente. A menina vai até o observador. Do outro lado vemos uma velha mendiga.

Velha

Com licença, meu anjo... Será que cê não tem uma comida prá me arranjar não, meu anjo?

Julinha

Não sei...

Velha

Ah, meu Deus! Nenhuma sobra, meu anjo? Não faz isso com essa pobre velha que veio de tão longe... mata minha fome, meu anjo.

Julinha vai até a cozinha. Enche um prato com feijão. Despeja um pote de chumbinho e o mistura com a semente refogada. Em seguida, coloca arroz e a sobrecoxa da galinha ensopada, mas percebe o tamanho do pedaço. Retira a sobrecoxa, coloca uma asa de galinha e pronto. Dirige-se à porta. Estranhamente, ela está aberta. Julinha empurra para fora, com a ponta dos dedos, o prato com a comida. Depois sobe em cima do banquinho olhando pelo observador .

Velha

A casa tá mudada. Tem um quarto a mais...

(A menina se assusta. A velha está dentro da casa.)

Velha

(mostrando um molho de chaves) Eu tenho a chave da casa, ó.... Entrei sem pedir licença, você se importa?

(A menina balança negativamente a cabeça. A velha vem se aproximando da menina.)

Velha

Há muito tempo... Há muito tempo essa casa foi minha, sabia? Eu era bonita que nem você assim...

(A velha chuta algo que rola pela sala - é a arma. A menina e a velha olham-se. A velha pega a arma.)

Velha

Sempre passei por aqui, sabe? Falava comigo: Que é que tem entrar e dar uma olhada prá lembrar, só prá lembrar? Deixar tudo no lugar direitinho, não roubar nada... Que é que tem? Hoje peguei coragem e entrei. Você se importa, meu anjo? Eu tinha a chave e entrei. *(A velha olha em volta)* A sala não mudou muito. Olha, aqui ficava uma cristaleira de jacarandá, do tempos dos bandeirantes. Foi a primeira coisa que mamãe vendeu. Depois vendeu tudo, tudinho. Ah, o piano. Onde está essa estante tinha um piano.

A velha pega um banquinho, deposita a arma em cima da estante, apruma-se majestosa, estira os dedos em cima da madeira e começa a tocar um piano imaginário. Julinha escuta aquela música. Quando termina de tocá-la, a velha suspira. Olha para a menina.

Velha

Vem cá, vem.

(A menina vai e senta no colo da velha. Fica olhando para a arma em cima da estante.)

Velha

Se você quiser, meu anjo, eu te levo para um lugar maravilhoso, de onde sai todas as coisas desse mundo e de outros mundos esquecidos. Um lugar cheio de surpresas... Você quer?

Julinha

Lá tem fogos de artifício?

Velha

Lá tem tudo que você imagina, meu anjo.

(A velha tira uma venda suja e tapa os olhos de Julinha.)

Velha

Mas você não pode ver o caminho.

(A velha sai da casa, levando a menina com os olhos vendados.)

Bloco 5

SEQUÊNCIA 28 - ARREDORES DO BAR - EXT. DIA

O pobre diabo continua a correr pelas ruas, mas agora parece que toma um rumo. Após algumas esquinas, eis que o Fugitivo está chegando ao Bar.

SEQUÊNCIA 29 - ESTÚDIO - INT. DIA

Marcinho

É isso... o grande lance era o fugitivo chegar aqui... aí, no escuro, a gente não ia entender nada do que tá acontecendo... e ele desesperado, precisando de ajuda...

Abreu

E aí, quê que rolava?...

Marcinho

Bem, a gente só ia sacar que ele tava aqui quando a luz acendesse... só então que a gente se dava conta da presença dele... aí ...

André

E depois?...

Marcinho

É,... aí tem que rolar um conflito...

Renata

Duvido que você tivesse valentia pra encarar esse teu personagem...

Marcinho

É, né... sei lá... ah, claro que encarava...quer dizer, num sei... *(dá uma risada)*

(rápido silêncio)

Fernando

Aí, na boa, eu vou acender a luz...

(acende, e lá está o Fugitivo)

Marcinho

Quê isso...

Fugitivo

Saudações... a quem nunca viu informo- sou personagem... um aqui me imaginou...dele estava atrás e agora achei...

Guilherme

(Para Marcinho) Espera aí, cara... Esse é o tal fugitivo?

Fugitivo

Sem tempo de assentar vida...

Fernando

Putaquepariu...

Guilherme

Escuta, quê que cê tá fazendo aqui, bicho?...

Fugitivo

Cara, olha só a situação... a memória que eu tenho é de fugir. Sabe duma coisa? nunca vi o tal sujeito... nem sei como é. Capaz de apostar que ele também nem idéia que eu sou... ele me caça, cara - de mim só o cheiro... Merda, né?

Marcinho

Cê num respondeu à pergunta. Quê que cê tá fazendo aqui, cara ?

Fugitivo

Você que criou, chapa. A pergunta é minha. Mas te garanto - não dá mais essa vida fugidia...
(*divaga, sonhador*) Ser feliz pra sempre...

Samanta

Pô, tenta ser mais claro...

Abreu

Qual é o problema, bicho?...

Fugitivo

Será que vocês se orgulham? Eu quero paz ...
parem de me perseguir...

André

Tô achando burrice esse negócio de ficar dando
ouvido a personagem... vai ficar esquisito pra
cacete...

Fernando

É, pô, vamo pará com isso, vam'bora daqui...

Abreu

Peraí...

*(O fugitivo caminha na direção de Marcinho.
Pára e fala a ele.)*

Fugitivo

Chega!... um fim...

SEQUÊNCIA 30 - BAR - INT. DIA

Espera-se que o português decida tirar esse ovo logo daí. Ele já está passando do ponto, isso faz mal para a taxa de colesterol.

SEQUÊNCIA 31 - ESTÚDIO DE TELEJORNAL - INT. DIA

A esta altura do campeonato o mundo já está em polvorosa.

Apresentadora

Pesquisa confirma : mulheres transmitem maior credibilidade. Opinião pública acredita que não se pode confiar nos homens.

Apresentador

(ameaçador) Ah, minha nega, não fala um negócio destes...

Num movimento brusco, ele salta da cadeira e imobiliza a colega, ameaçando-a com uma navalha no pescoço, enquanto a outra foge assustada.

SEQUÊNCIA 32 - ATELIER DE TATUAGEM - INT. DIA

Documentário de um tatuador. Ele conta como seria o filme que ele faria enquanto faz uma tatuagem no seio de uma garçonete.

SEQUÊNCIA 33 - FUSQUINHA - INT. DIA

A garçonete tatuada olha com olhar suplicante para o homem a tatuou na sequência documental. Ele dirige um fusquinha, espremido entre a poltrona e o volante.

Garçonete

Ah, Rudinho, sem carro não dava para sair; com quem eu vou largar o moleque?

Rude

Com o vendedor de merda! Ele não é o pai desse mongolóide? Eu é que não podia ter ficado sem a Harley por causa de um (*segurando o queixo dela*) filhinho da putinha...!

O garoto, Claudinho, afundado no banco de trás do fusquinha, brinca de abrir e fechar o cinzeiro abarrotado de guimbas. Rude passa uma trouxinha para Deise

Rude

Faz alguma coisa de útil, ô Deise. Aperta um beise...

(Ele tenta passar a marcha. Está irritadíssimo.)

Rude

Olha aí, essa merda não entra a terceira!

Rude se abaixa para lutar contra o câmbio. O garotinho para de mexer no cinzeiro e fica imóvel, quase dormindo, indiferente. Um solavanco faz escorrer a meleca pendurada em seu nariz.

SEQUÊNCIA 33A - ESTRADA - EXT. DIA

Marcão, escondido na moita, distraído com o canudo na mão, olha tarde demais em direção ao meio da estrada, por onde o fusquinha passa correndo.

Marcão

(exclamando baixinho) - Puta que o pariu!

SEQUÊNCIA 33B - FUSQUINHA - INT. DIA

Dentro do carro, Deise cata pedacinhos de erva espalhados pelo chão.

Deise

Puta que pariu, que quebra-mola enorme!
Derrubou tudo!

Rude

Tu é muito burra merma, hein mulher!? Tinha
que deixar cair?

Claudinho levanta e olha através do vidro traseiro.

SEQUÊNCIA 33C - ESTRADA - EXT. DIA

Do ponto de vista do “quebra-mola”, o fusquinha se afasta com Claudinho olhando, na verdade, o corpo atropelado de Joel. Marcão está correndo atrás do fusca, à distância.

Bloco 6

SEQUÊNCIA 34 - BAR - INT. DIA

Sambistas afinam seus instrumentos em meio à movimentação de pessoas bem arrumadas. Há uma quantidade razoável de mesas dispostas pelo local. Pessoas bebem cerveja. Uma mulher nua bebe sem ser notada. O fusca chega na rua e larga o moleque, partindo em seguida. O moleque entra no bar. Em seguida chega o caçador, que pede um conhaque.

SEQUÊNCIA 35 - ESTÚDIO - INT. DIA

Marcinho

Era isso que tava faltando, o caçador... 'the hunter'...

Guilherme

E agora, quê que acontece?...

Samanta

Tinha que rolar um duelo final...

Fugitivo

Pouca vergonha... olha pra mim, cara, eu não gosto de você...

Fernando

Porra, que personagem chato...

Fugitivo

De você também tenho raiva, mas ele detesto. Só faço é fugir... nem sei se tenho família... Tenho, cara?... chega, cara, resolve essa estória!...

Guilherme

Quê isso, bicho... Pra quê essa agressividade?...

André

Aí, na boa, vamo esquecer esse personagem... acho mais joga a gente viajar na estória da vampira...

Samanta

Putzgrila, não me inventa uma figura dessas agora, pelo amor de Deus...

Fugitivo

Acha que tô sozinho? Errou, cara...

(Chega na borda do quadro e puxa pelo braço Marcão, o Bandido, que é arrastado sob protesto.)

Bandido

Peraí, mermão, me larga!...perai!...

Fernando

Quê isso, que absurdo...

Fugitivo

Olha, cara. São inadequados autores. Irresponsáveis e incapazes... Olha a minha sina: personagem de maus criadores. Surpreende como são burros...

Bandido

Pára com isso mermão, quê isso, me larga cara, eu vô te dá um tiro, eu vô te matá, porra.

Fugitivo

Ouve só, cara. Esse besta é marginal. Ladrão e chinchero. E viu um camarada ser atropelado. E agora, cara?

Bandido

Quê isso mermão, que porra é essa de saí contando as parada por aí, porra, isso não é problema teu. Caralho, já tô fudido mesmo, porra. Vô tê que enterrá o cara, depois vô lá falá com a mulher do cara, sacou, é melhor que polícia. Cara, eu tô fudido, mermão, o cara morreu e agora eu tô sem um puto sem nem sabê quê que eu faço, tô na merda, cara.

Fugitivo

(para os integrantes da mesa) É tudo não. Tem mais.

(Ele vai novamente à borda do quadro e puxa o Infeliz Capado para a cena.)

Infeliz

(com sotaque carregado e a mão em concha cheia de carne) Vocês precisar me ajudar, por favor. *(vemos o Fugitivo comendo um quibe com um sorriso nos lábios)* Eu não poder viver assim... Better not to live...

Fugitivo

(pro André) Pra quê criar isso, cara?...

André

Mas num era isso que eu queria fazer... eu queria filmar a história da vampira... esse negócio de cortar pinto é maluquice de produtor...

Fernando

(Pro Fugitivo) Aí, bicho, na boa, pára com isso...

Bandido

Escuta, cumpádi, me livra dessa, eu tô fudido, quê que eu faço com o corpo, cara, me ajuda...

Infeliz

Please, mister, I beg you, please help me...

Marcinho

Olha, cara, eu acho que era melhor tirar esse gringo daqui. Ninguém assumiu a autoria dele, o cara só vai deixar tudo mais confuso...

Fugitivo

Tem o último. Desse não esqueço.

(Ele se volta e puxa pelo braço o Moleque, que estava fora de quadro. É Claudinho, o filho do vendedor de merda.)

Abreu

Num acredito...

Fernando

Quem é esse?...

Fugitivo

Diz , moleque, a ocupação social do pai...*(não há resposta)* Fala. O que o velho faz da vida...

Moleque

(murmura) Meu pai vende merda...

Fugitivo

(pro Abreu) Escutou, cara?... Não sabia disso? Você inventou. Olha pro pirralho, cara. Pensa que acha bacana? *(pro moleque)* Sabe tua mãe? te largou saiu com um cara que nem conhece. Pra dar e cheirar pra caralho. Quer saber, rapaz? Tua mãe é depravada, gosta de coisas que pensar enoja. Saber mais?... nem ela sabe se é mesmo filho do camelô de merda.... E aí, papudo? Teu pai, nem tua mãe sabe quem... *(aponta pro Abreu)* Esse cara inventou essa estória toda, sabia? Ele que inventou... Gosta, moleque?... Diz que gosta dele... fala gosto, fala... *(o moleque*

*fica calado, encarando o Abreu) fala, porra!...
(o moleque continua calado)*

Marcinho

Chega, pára com isso...

Fugitivo

Pensa que manda, cara?

Marcinho

Pô, eu que te criei...

Fugitivo

Agora é cinza. Mas é justo, cena mais deprimente e medíocre nem conheço. Partir, logo.

André

Se é por falta de adeus...

Fugitivo

Vocês vêm junto. Ao bar lá fora.

Guilherme

É?... beleza... Aí, galera, vamos chegar ali na entrada do bar... que os personagens tão saindo fora...

(Todos vão saindo.)

SEQUÊNCIA 36 - BAR - INT. DIA

O ovo acaba de ser frito.

Apresentador 2

(em off) Em instantes: as imagens de violência sexual e morte no telejornal.

A televisão é desligada, e o alimento é levado para um dos músicos.

SEQUÊNCIA 37 - BAR - INT. DIA

Os músicos contam como seria o filme que fariam. Ao fundo o caçador sai para ir ao toalete.

SEQUÊNCIA 38 - BAR - INT. DIA

Marcinho vai ao balcão do bar para pagar as cervejas. A velha mendiga chega com Julinha, tira-lhe a venda e a deixa sentada numa cadeira, onde a menina ficará até o fim, deslumbrada. Feito isso, a velha vai pedir esmolas, em silêncio, cutucando e incomodando a todos. O Fugitivo puxa Marcinho pelo braço, e travam então o seguinte diálogo:

Fugitivo

(para Marcinho, que está entregando os cascos de cerveja) Chega. Nem eu suporto essa velha aqui, cara. Já cansou...

Fernando

Bicho, você é muito nervoso...

Marcinho

(para Fernando) Esquece isso...

Fugitivo

(para Marcinho) Tem medo, cara? Quem dera eu não existisse? Não gosta de mim, cara? Quer saber? Acho bom. Te detesto, cara, quero existir. Vida normal, ser direito. E você pra isso? Nadinha de nada, desgraçado...

SEQUÊNCIA 39 - BANHEIRO - INT. DIA

O caçador está no banheiro. Toca um bolero enquanto ele urina.

SEQUÊNCIA 40 - BAR - INT. DIA

Fugitivo

(para Marcinho) Língua do mato, cara, língua do morro... Ainda não acabou?

(O caçador sai do banheiro de facão em punho. Marcinho vê.)

Marcinho

Finda-se a vida e acaba a estória.

O caçador mata Samanta e vai pra cima de André. O Gringo Infeliz, o Bandido, o Moleque e a Mendiga sentam-se para assistir ao desfecho, ao lado de Julinha, enquanto comem pipoca doce. Ela devora um chicabom. Sentam-se também Fulano e Beltrana, ainda aos beijos. O Fugitivo se mantém de pé, nervos à flor da pele, tentando manter-se solene. Os músicos e demais frequentadores do bar, distantes da cena, parecem se tornar alheios ao que se passa.

Caçador

Reage!

André

(ele sinaliza negativamente com a cabeça) É melhor eu sair de cena...

(O caçador mata André raivosamente. Ele parte na direção de Renata, atirando cadeiras para o alto.)

Renata

Gente, eu falei que era contra tanta violência...

Caçador

(Após matar Renata) Reajam! (Ele dá pontapés nas mesas) Façam alguma coisa!...

Fernando

(Para Guilherme) Vamos acabar com essa porra. Tem que mostrar quem é que manda aqui.(o caçador mata Abreu) Vamo detonar esses filodaputa. Vai ser o granfinal...

Guilherme

A reação faz dos autores grandes. A luta enobrece e engrandece o espírito. Agora é partir pra cima, que é mais bonito morrer. Chega de chupar essa xepa xexelenta e azeda...

Fernando

É isso aí, porra!

(Os dois partem com vontade mas sem armas para cima do caçador, que os mata sem maiores problemas.)

Marcinho

É isso mesmo que tem que ser. É hora de lavar a alma... Um banho de sangue purifica os melhores enredos e os maiores autores. E o caçador cumpre o seu destino no fim...

(O caçador mata Marcinho e parte para cima do Fugitivo. Ele aponta para o casal.)

Fugitivo

Eles estavam lá...

O caçador mata o casal sem remorsos, e volta a caminhar na direção do fugitivo. Os demais personagens então se levantam de suas cadeiras para ver a cena. O Caçador pára diante do Fugitivo e levanta seu facão. O Fugitivo se ajoelha, num tempo ritualístico. Os Personagens fazem um semi-círculo em torno da cena. O Caçador enfia o facão no peito do Fugitivo, e faz um corte em forma de cruz. O Fugitivo se ergue, tira do peito o facão e cai, morto. O Caçador então vai até o balcão.

Caçador

Mais um conhaque, por favor... (*põe o dinheiro na mesa*)

Ao receber a dose, vira-se, olha para os mortos e recebe o cumprimento do Português, que é quem o serve:

Português

Autor bom é autor morto!...

O Caçador bebe o conhaque e sai do bar. Após um instante de silêncio, os músicos começam a tocar. Aos poucos, os personagens começam a dançar por entre os corpos dos autores. Vê-se, então, uma ambulância chegar e seus tripulantes recolherem os corpos.

SEQUÊNCIA 41 - BAR - EXT. DIA

Começam os letreiros. Alternadamente, há o último depoimento, do motorista da ambulância, depoimento este que será o único não-documental, já previamente planejado. Vê-se ainda as pessoas a dançar. O motorista dá um depoimento usando um discurso típico de um crítico, notando que o filme tem muitos personagens, um monte de estórias e piadas, explosões, perseguições, cinema-verdade, mulheres nuas, música. Entretanto, ele detestou a idéia do filme e acha que ele é mal-costurado, e seu comentário é agressivo, incômodo, desagradável. Ele parte com a ambulância, mas sua voz se mantém durante um longo tempo sem perder o volume, até terminarem os letreiros.

Epílogo

SEQUÊNCIA 42 - CEMITÉRIO DO MARUÍ - EXT. DIA

O enterro está se realizando. Não há muitas pessoas, mas as que lá foram vestem luto de véu e terno. Repentinamente, o presumido morto destrói a tampa do caixão que lhe aprisiona. Surge então de dentro o Fugitivo, que começa a andar sobre as lápides, feliz e contente, sob o olhar amedrontado daqueles que acompanhavam o funeral. Ele segue até um ponto em que breca em pânico, assustado por ver o Caçador a esperá-lo. Vemos então o desesperado mais uma vez voltar a correr, enquanto o Caçador segue seu rastro. Termina o filme.